



## Questão de Justiça

raizman@freixinho.adv.br

### Operação Gerônimo – uma chance de civilidade perdida

No domingo as forças especiais dos Estados Unidos localizaram Osama bin Laden realizaram um operação chamada Gerônimo com o objetivo de matar o líder da Al-Qaeda. A operação atingiu o seu alvo, matando assim o mentor dos atentados de 11 de setembro com um tiro na cabeça e outro no peito, junto com outras quatro pessoas, dentre elas um filho dele e uma mulher que teria servido de escudo humano. Foram capturadas também duas mulheres dele e quatro dos seus filhos.

A operação, que durou 40 minutos, foi acompanhada em tempo real pelo presidente dos Estados Unidos Barack Obama, pelo vice-presidente Joe Biden, pela secretária de Estado Hillary Clinton e pelo secretário de Defesa Robert Gates além de outras autoridades. Foi uma operação de 40 minutos comandada diretamente pela Casa Branca.

Segundo informaram fontes de segurança dos Estados Unidos a operação era para matar e não capturar o líder da Al-Qaeda. Essas informações se correspondem com as declarações de campanha do Presidente Obama de 2008, quando afirmou que “nós mataremos Osama bin Laden”.

O presidente Barack Obama, no final da noite de domingo, anunciou a morte do líder do Al-Qaeda, ao mesmo tempo que manifestantes festejavam o desenlace da operação. Os efeitos políticos não tardaram em chegar, pois a aprovação ao presidente dos Estados Unidos subiu nove pontos percentuais, segundo uma pesquisa realizada pelo instituto Pew Research Center e divulgada pelo Washington Post.

Inicialmente foi informado que Bin Laden teria utilizado uma mulher como escudo humano na própria resistência da operação militar, como forma de justificar sua morte. Sem embargo, recentemente o porta-voz da Casa Branca Jay Carney esclareceu que Bin Laden e sua

família foram localizados no segundo e terceiro andar da residência de Abbottabad, tendo oferecido resistência a sua captura, motivo pelo qual foi aberto fogo contra ele, recebendo disparos no peito e na sua cabeça. Uma de suas esposas, que teria corrido e também oferecido resistência, recebeu um disparo na sua perna.

O mais impactante dos “esclarecimentos” é que segundo o porta-voz, Bin Laden não estava armado no momento da sua morte e, quando indagado sobre o motivo da morte, respondeu que “não é necessário estar armado para opor resistência”, porém não expressou como ocorreu a “resistência”.

A alta-comissária da Organização das Nações Unidas para Direitos Humanos, Navi Pillay, pediu aos Estados Unidos mais detalhes sobre a morte de Osama bin Laden.

Em tal sentido expressou que “esta foi uma operação complexa e seria importante se soubéssemos os fatos precisos que cercam sua morte. As Nações Unidas têm continuamente enfatizado que todas as ações contraterroristas devem respeitar a legislação internacional”.

O reconhecimento do porta-voz dos Estados Unidos de que Osama bin Laden não se encontrava armado coloca em evidência de que foi executado, tal como tinha prometido o presidente em 2008, e que, as forças militares desrespeitaram as disposições legais tanto de direito interno quanto do direito internacional.

Infelizmente, mais uma vez os Estados Unidos tem evidenciado sua política de uso extremo da força nos moldes da época Bush. Ou pior, já que nele havia a opção de “vivo ou morto”, entanto que no presente só houve uma opção, a terminal.

Assim, o mundo de ocidente perdeu a chance de mostrar ao mundo árabe sua “civilidade”, os benefícios da democracia e com isso as vontades de viver em um estado de direito. Longe disso, apresentou um sistema no qual o reconhecimento de uma pessoa e os seus direitos não depende da sua simples condição de tal (tirando por terra o sistema de proteção internacional de Direitos Humanos), senão da decisão de quem se reserva o direito ou poder de defini-los, colocando, então a democracia e a noção de estado de direito como meros discursos de dominação, mas não de ordem, dando a razão aos críticos do mundo árabe.

A nova emergência, o terrorismo, permitiu, gradativa e sordidamente, a detenção ilimitada e a tortura (Guantánamo) agora o extermínio.

O presidente americano frisou que “os Estados Unidos não esqueceram seus mortos”, porém olvidou que vive em um estado de direito em que a justiça para ser feita precisa concretizar-se através de meios lícitos, pois do contrário não tem como se distinguir dos seus agressores, a diferença então seria de bandos.

O presidente americano frisou que “os EUA não esqueceram seus mortos”, porém olvidou que vive em um estado de direito em que a justiça para ser feita precisa concretizar-se através de meios lícitos, pois do contrário não tem como se distinguir dos seus agressores